

A APRESENTAÇÃO DE AUTORES DA TRADIÇÃO AFROBRASILEIRA E INDÍGENA NO ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Laiane Felipe Sampaio, Universidade Federal do Cariri, laiane26sampaio@gmail.com;
Francisco Gabriel Soares da Silva, EEMTI Presidente Geisel, gabrielsoaresfgss@gmail.com

Resumo

O presente relato tem como objetivo compreender a importância de se trabalhar a temática afro-indígena nas aulas do ensino médio da Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Presidente Ernesto Geisel. A metodologia utilizada para o trabalho foram as obras: “O perigo de uma história única” de Chimamanda Adichie (ADICHIE, 2019); o texto “O amanhã não está a venda” e Ailton Krenak (KRENAK, 2020) e o artigo “1863: o ano em que um decreto que nunca existiu extinguiu uma população indígena que nunca deixou de existir” da autora Ticiane Antunes. Os textos foram coletados no decorrer da observação das aulas, sendo outros textos como o de Florestan Fernandes, bell hooks e Lélia Gonzalez utilizados para a construção desse relato de experiências. Os resultados e conclusões do relato apresentam que a importância de se trabalhar autores da temática africana e indígena em sala de aula, sendo um importante instrumento a construção da identidade cultural, respeito e a observação crítica da sociedade.

Palavras-chaves: Ensino Médio. Tradição Afrobrasileira e Indígena. Lei 10.639 e Lei 11.465.

1 INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência visa refletir sobre como se trabalhar a temática acerca da tradição cultural afrobrasileira e indígena nas aulas do ensino médio. Este esforço de reflexão surge a partir da atuação no Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal do Cariri – UFCA/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, na escola de Ensino Médio de Tempo Integral Presidente Ernesto Geisel – Colégio Polivalente de Juazeiro do Norte - CE. A preocupação com a temática circunscreve-se às aulas da disciplina eletiva de Memória e História Afrobrasileira e Indígena.

A importância do ensino da temática africana e indígena na escola é uma questão que implica todas as áreas do conhecimento, dentre estas, a filosofia principalmente, uma vez que o ambiente escolar é formador de pensamentos e de cultura. Ao incluir-se estas temáticas, propicia-se o respeito e a aceitação delas como partes integrantes da cultura. A problemática étnica ocorre principalmente pela negação da presença cultural e das pessoas dessas culturas e

seus descendentes que fazem parte do contexto histórico brasileiro.

A valorização excessiva dos elementos estéticos e culturais não negros produz consequências que levam ao negligenciamento da diversidade étnico-racial do país, fazendo com que os referenciais históricos da população afro-brasileira e africana se tornem invisíveis. (BRASIL, 2012, p. 21)

No Brasil ocorre uma dupla negação, o primeiro aspecto é a negação da presença desses povos na formação da cultura e do povo em si, ou seja, em características físicas, buscando um embranquecimento dos padrões estéticos de beleza. Outra problemática do Brasil, nesse aspecto é o termo apresentado por Florestan Fernandes “o mito da democracia racial” que apresenta uma crítica ao mito da democracia, onde todas as pessoas, independente de cor, raça, origem ou classe social teriam os mesmos direitos e oportunidades, como se a democracia fosse igual para todos.

O termo embranquecimento nasce da observação do que ocorre com a cultura brasileira e com a própria dinâmica econômica e social do Brasil, o termo é apresentado por Gonzalez (2011, p. 15) como “o desejo de embranquecer (de ‘limpar o sangue’ como se diz no Brasil), é internalizada com a conseqüente negação da própria raça e da própria cultura”, tendo como resultado a constante negação da cultura e presença histórica do povo africano e do povo indígena.

A justificativa para o desenvolvimento desse trabalho surgiu no decorrer da observação da eletiva Memória e história da cultura afrobrasileira e indígena voltado aos jovens da Escola Integral de Ensino Médio Ernesto Geisel. A observação e participação das aulas se deu em um período único em nossa história, a pandemia da Covid-19. Nesse período o mundo como um todo teve que se adequar a nova realidade e proteger as pessoas, desse modo, todos ficaram em quarentena em suas casas. As atividades acadêmicas aconteceram de forma remota a partir do Google Meet, mesmo em uma situação complicada buscou-se manter as aulas para que se pudesse minimizar os prejuízos aos alunos e para que o próprio vínculo dos alunos com a escola fosse mantido.

A pandemia é um dos momentos mais críticos da escola como um todo, na verdade da sociedade, a verdade é que os problemas enfrentados na pandemia são vários, desde a falta de capacitação do profissional em exercer sua atividade com uso de tecnologias até o agravamento de problemas enfrentados antes da pandemia, como é o caso da evasão escolar. Como reforça Palú, Schütz e Mayer (2020, p. 125) o trabalho do professor era exercido de uma forma tendo como “base para o desenvolvimento do trabalho nessa etapa era a interação, o olhar, a proximidade, o toque e todos esses aspectos precisam ser reinventados,

dada a impossibilidade de aproximação exigida para o controle da pandemia.”

A educação encontrou-se em um momento que precisava se reinventar, pois a ação do professor teve que mudar, e a forma de retorno dos alunos também, e isso causou um “desconforto geral porque as rotinas tiveram que ser adaptadas. As redes, as famílias, os alunos e os professores não estavam preparados para o trabalho remoto”. (PALÚ; SCHÜTZ, MAYER, 2020, p. 125). A tecnologia que até então só era utilizada para momentos raros e diferentes, se tornou a principal ferramenta de uso diário de professores e alunos.

As dificuldades para a inserção de temáticas afrobrasileiras e indígenas, se já era complicado sua aplicação antes, então após a pandemia o pensamento de novas estratégias se tornou um novo desafio. Desse modo, surge o questionamento: como abordar as temáticas afrobrasileira e indígena nas aulas e projetos escolares à distância em tempos de pandemia? A temática afrobrasileira e indígena se apresentam aos professores de filosofia como uma parte essencial da cultura do brasileiro e da formação do país. As obras apresentadas durante a eletiva e que serão relatadas nesse texto foram “O perigo de uma história única” de Chimamanda Adichie (ADICHIE, 2019), o texto “O amanhã não está à venda” de Ailton Krenak (KRENAK, 2020). Além dos textos e o relato sobre os autores, também foi apresentados o filme “Uma história de amor e fúria”, e os comentários sobre o Aviso Circular de 1863 que decreta a extinção indígena no Ceará, quando no estado ainda havia uma ampla população indígena.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Desse modo, apresentamos como objetivo geral desse relato de experiência, compreender a importância de se trabalhar a temática afro-indígena nas aulas do ensino médio da Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Presidente Ernesto Geisel no contexto da pandemia de Covid-19.

2.2 Objetivos Específicos

- Compreender como desenvolver a temática afro-indígena em sala de aula, tomando como referência a observação crítica da disciplina eletiva Memória e História da Cultura Afrobrasileira e Indígena;
- Analisar as principais referências bibliográficas utilizadas e a sua importância para a construção da identidade do estudante de ensino médio;
- Apresentar a aplicação das leis 10.639/03 e 11.465/08 que estabelecem a

obrigatoriedade do ensino de “história e cultura afro-brasileira” e história e cultura indígena respectivamente, dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio.

3 DESENVOLVIMENTO

O Brasil é formado por muitas culturas que, unidas, culminam nos saberes que temos hoje, mas cada cultura tem sua importância e mesmo que faça parte de nossa realidade muitas delas foram negadas a fim de manter forte um conjunto de valores que fossem úteis a economia e meio de produção ainda decorrente da sociedade colonial. Como é reforçado por Ribeiro (1995, p. 205), ocorreu no Brasil o processo de “[...] deculturação que sofremos, no primeiro século, ao desindianizar os índios, desafrikanizar os negros e deseuropeizar o europeu para nos fazermos”. Esse processo culminou em uma população de cultura arcaica, em que os saberes eram transmitidos de pais para filhos, e todo vive em um rígido calendário civil regido pela Igreja.

A construção desse tema contribui para a formação da identidade desse aluno de ensino médio, visto que tanto a cultura africana como indígena fazem parte da construção cultural do brasileiro. Outro aspecto a se considerar é a importância de abordar a presença de autores dessas temáticas em sala de aula. Alguns dos autores abordados durante as aulas observadas são, por exemplo: Chimamanda Adichie, Ailton Krenak, bell hooks, Carolina Maria de Jesus e muitos outros que contribuíram para que os alunos pudessem conhecer autores de várias culturas que não se limitavam apenas a homens brancos e de cultura européia.

No processo de ensino e construção do currículo deve-se considerar a utilização de autores e autoras não apenas europeus, buscando-se trabalhar temas que envolvam a identidade afro-indígena na constituição da cultura brasileira. Essa construção de saberes na escola visa a valorização e o respeito da cultura africana também nos ambientes acadêmicos, com a inserção de autores e autoras que fazem parte dos movimentos sociais negros e indígenas.

Como reforça Silva (2010, p. 129), o currículo precisa pensar em formas de romper a herança epistemológica. Como professores precisamos pensar “em que medida as definições de nacionalidade e raça, forjadas no contexto da conquista e expansão colonial, continuam predominantes nos mecanismos de formação da identidade cultural” (SILVA, 2010, p. 129), como isso pode ser mudado na prática? Por este motivo, as atividades que

foram desenvolvidas nas aulas da eletiva Memória e Cultura Afrobrasileira e Indígena são tão importantes para esse rompimento com a herança colonialista brasileira.

A criação das Leis 10.639/03 e a Lei 11.465/08 são momentos importantíssimos da luta das etnias afrobrasileira e indígena pelo seu espaço dentro do ensino. Como é reforçado por Brito (2014, p. 94) as citadas leis prevêm a obrigatoriedade do ensino de História africana e cultura afrobrasileira nas escolas bem como de cultura indígena, existe uma profunda “necessidade de valorização da diversidade cultural e do resgate histórico da contribuição de diferentes povos, etnias e culturas para a formação da identidade nacional brasileira”. O papel do professor de filosofia é contribuir com as críticas a sociedade, e as questões que precisam ser debatidas.

As vertentes apresentadas pelas Lei 10.639/03 e Lei 11.465/08, possibilitam que sejam ministradas atividades artísticas, obras literárias e do contexto histórico nos livros de história brasileira, incluindo o estudo da História da África e dos africanos e dos movimentos de luta no Brasil e no mundo. A lei visa ainda resgatar a contribuição do povo negro nas áreas sociais, econômicas e políticas na construção histórica brasileira.

4 METODOLOGIA DO RELATO

A metodologia desse relato de experiência é bibliográfica e foi escolhida com base nas observações das aulas na eletiva Memória e História da Cultura Afrobrasileira e Indígena. As obras apresentadas durante a eletiva e que serão relatadas nesse texto foram “O perigo de uma história única” de Chimamanda Adichie (ADICHIE, 2019), o texto “O amanhã não está à venda” de Ailton Krenak (KRENAK, 2020). Além dos textos e o relato sobre os autores, também foi apresentado o filme “Uma história de amor e fúria”, e os comentários sobre o Aviso Circular de 1863 que decreta a extinção indígena no Ceará, quando no estado ainda havia uma ampla população indígena.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados esperados para o presente trabalho comportam a construção de um relato de experiência que apresenta metodologias e experiências das vivências sobre o ensino de temáticas afrobrasileira e indígena e sua importância filosófica para a construção da identidade do indivíduo, considerando os alunos da Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Presidente Geisel.

O primeiro ponto é a compreensão de como se trabalhar a temática afrobrasileira e indígena. Na disciplina eletiva Memória e História Afrobrasileira e Indígena o professor, também preceptor do Programa Residência Pedagógica, apresentou as seguintes obras de autores que se enquadram na temática apresentada nesse trabalho. A primeira autora apresentada é a Chimamanda Adichie, onde foi apresentado um resumo da obra “O perigo de uma história única” (ADICHIE, 2019) apresenta a importância de se conhecer não só a história que é contada, chamada história dos vencedores, por ela, mas também a história dos vencidos. O texto da Chimamanda apresentado pelo preceptor mostra um pouco da trajetória da autora narrado por ela mesma. A autora negra que aprendeu a ler e escrever muito jovem e viajou para finalizar seus estudos nos Estados Unidos e que teve um choque quando percebeu que a história da África contada pelas pessoas, principalmente brancas era “uma única história de catástrofe. Nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela, de jeito nenhum” (ADICHIE, 2019). A colega do quarto de faculdade da Chimamanda, tinha uma imagem da África vencida, de miséria, onde as pessoas não tinham cultura ou estudo, ou mesmo que passavam fome, e esse é o aspecto da história contada pelos vencedores. o perigo de uma história única é o perigo da ruptura com a identidade, o descendente dos africanos e dos indígenas no Brasil, sofrem da mesma teoria, existe uma imagem de seu povo que foi contada pelo povo branco, e como vencidos os afrobrasileiros e os indígenas não tem sua história contada, e quando tem é com uma perspectiva de derrotados, não se fala da sua cultura e riqueza, apenas em uma visão de miséria.

O preceptor apresentou o artigo “1863: o ano em que um decreto que nunca existiu extinguiu uma população indígena que nunca deixou de existir” da autora Ticiane Antunes que apresenta o relato dos sessenta anos do Aviso Circular de 28 de agosto de 1863, onde é apresentado

[...] que nesta província nenhuma tribo existe no estado selvagem, e que desde o ano de 1833 época em que foram extintas as diretorias a que estavam sujeitos as diferentes aldeias estabelecidas na província, extinguiram-se estas, e ficaram os índios confundidos na massa geral da população civilizada, sendo incorporada nos próprios nacionais a parte devoluta dos terrenos, que haviam sido designados para patrimônio das mesmas aldeias (APEC, 1863)

O texto do Aviso Circular apresenta o esforço do governo em apagar os remanescentes das aldeias indígenas, um dos termos utilizados é de que os índios estão “confundidos”, ou seja, misturados com a população e não tem mais uma cultura própria e

individual. Na verdade como é reforçado por Moacir (2015, p. 225), o principal motivo que levou o governador da época em extinguir a presença indígena no estado estava associado à questão cultural e a questão das terras, “a negação das identidades indígenas implicava na negação de outras várias coisas, dentre as quais, naturalmente, o direito de posse coletiva da terra” (MOACIR, 2015, p. 225).

O estado do Ceará, no entanto, tem um grande contingente de indígenas de várias etnias que fortemente resistem aos decretos e ações contra sua existência. Como reforça por Antunes (2012, p. 9), “o Ceará é considerado o terceiro estado do nordeste que, numericamente, o fenômeno de ressurgimento étnico é mais latente”, isto é, onde a população indígena não só habita, mas se reconhece e vive com suas tradições, tentando reavivar sua cultura e tradição.

O autor Ailton Krenak que foi apresentado em uma das aulas da eletiva apresenta uma série de questões sobre como o capitalismo tem impactado na vida do nosso planeta. No livro “O amanhã não está à venda” (KRENAK, 2020) o autor fala da desigualdade e da realidade que vive em sua aldeia e sobre o impacto do capitalismo na vida deles, e na vida do planeta como um todo, o texto que foi escrito relatando as problemáticas do início da pandemia e das desigualdades sociais presentes em relação aos indígenas. A humanidade vem “cavando um fosso gigantesco de desigualdade entre povos e sociedades. De modo que há uma sub-humanidade que vivem numa grande miséria, sem chance de sair dela - e isso também foi naturalizado” (KRENAK, 2020, p. 6).

O problema apresentado por Krenak apresenta o que tem sido feito com os povos de cultura afrobrasileira e indígena, esses povos foram relegados de seus direitos, expulsos, escravizados e legados a uma sub-humanidade como é colocado por ele, além disso, esses problemas mesmo que existam há tanto tempo foram naturalizados, as pessoas não percebem o que ocorre com esses povos, e ignoram sua situação.

O autor aborda também sobre a forma como a humanidade tem tratado a natureza, se distanciando dela. A humanidade se separou da Terra ao invés de viver nela e tratá-la como viva, o ser humano apenas usufrui e destrói a Terra. Os sub-humanos como ele coloca são os únicos a protegerem a Terra e a se sentirem parte dela, pois são aqueles que estão “nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. Esta é a sub-humanidade: caiçara, índios, quilombolas, aborígenes” (KRENAK, 2020, p. 7).

Os que estão à margem comportam todas as pessoas e comunidades que foram esquecidas pela sociedade, e ficaram a margem do que é chamado de civilização, Krenak (2020), adverte para os riscos de manter o consumo excessivo e o desgaste da Terra,

apontando que o vírus é uma forma de autodefesa da Terra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação dos autores e autoras aos alunos abre um novo mundo para eles, onde a produção de conhecimento é feita por todos. A crítica da realidade que é apresentada por eles, tanto voltada a luta de classes, ao feminismo como é o caso de Chimamanda Adichie, Lélia Gonzalez, Carolina de Jesus e bell hooks, e outros como Ailton Krenak e Daniel Mundurucu buscam fortalecer as raízes de sua cultura e perpetuar as histórias de seu povo. Ambos os casos mostram os esforços por mudar a centralização do conhecimento. A cultura brasileira é formada por muitos povos, e esse multiculturalismo precisa ser apresentado aos alunos.

O educando necessita aprender a compreender criticamente o mundo, e é pela filosofia que ele irá “tematizar criticamente a pertinência dos princípios ou dos valores, ou a significação da norma (o porquê e suas consequências) e não simplesmente a necessidade de sua obediência” (CERLETTI, 2009, p. 72) Nesse aspecto o ensinar filosofia é também engajar-se nos movimentos e aprender como romper esses valores opressores, respeitando e valorizando todas as culturas e pessoas que compõem a nossa realidade.

O trabalho tem como perspectivas futuras construir análises mais aprofundadas sobre metodologias que possam ser aplicadas ao ensino de filosofia, incluindo autores e principalmente autoras da temática afrobrasileira e indígena, e também autoras de outros lugares do mundo que desenvolvam a reflexão sobre as problemáticas de raça, etnia e gênero a fim de construir um saber que não seja pautado apenas no conhecimento eurocêntrico, mas que possa contribuir para a inserção dessas temáticas a serem discutidas também no ambiente escolar e pensadas dentro da cultura e construção de identidade dos sujeitos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por permitir cada passo dentro do meu percorrer acadêmico. Agradeço aos orientadores do Programa Residência Pedagógica que ajudaram e orientaram na construção dos saberes. Ao professor e preceptor Gabriel por estar conosco nessa caminhada oportunizando a nossa participação não só nas aulas, como também nos planejamento e formações proporcionadas pela escola. A EEMTI Presidente Geisel e seus professores, coordenados e direção por nos receber, mesmo que remotamente devido à pandemia, abrindo suas portas e apresentando um mundo tão amplo e crítico para as temáticas variadas,

mostrando ser possível a discussão de diversas problemáticas no ambiente escolar. Ao Programa Residência Pedagógica e a CAPES por oportunizar momentos de experiência em ambientes pedagógicos com a orientação nos dando condições de continuar em nossas formações e de construir um pensamento ainda mais amplo enquanto educando e futuros professores de filosofia.

REFERÊNCIAS

APEC. Fundo: Governo da província do Ceará. Série: Ofícios ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. **Ofício do presidente Manuel Antônio Duarte de Azevedo, enviado ao ministro Manuel Felizardo de Sousa e Melo.** 27/12/1861. L 133 (1861-1872)

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** Tradução Julia Romeu. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. **Lei 10.639/2003.** Brasília: Senado, 2003.

BRASIL. **Lei 11.465/2008.** Brasília: Senado, 2008.

BRITO, Rosemeira dos Santos. Formas de aplicação da lei 10.639/03 no cenário da precarização do trabalho docente: um estudo sobre as equipes multidisciplinares no município de Irati/PR. ANALECTA Guarapuava, Paraná v.12 n. 2 p. 89 - 110 Jul./Dez. 2011/2014.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia.** 2. ed. Salvador: Secretaria de cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes:** o legado da “raça branca”. Volume 1. 5 ed. – São Paulo: Globo, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerson Arlan; MAYER, Leandro. **Desafios da educação em tempos de pandemia.** - Cruz Alta: Ilustração, 2020.

XAVIER, Maico Oliveira. Extintos no discurso oficial, vivos no cenário social: os índios do Ceará no período do império do Brasil. Biblioteca de Ciências Humanas da Universidade Federal do Ceará, 2015.